

# **Nuances**

*Jarbas Siebiger*

À Elaina, a Musa - e a razão.

março de 2008

*Frívola, a borboleta saltita, enquanto formigas enterram-se vivas.*



### **Tango**

Provoca e foge  
Na cintura  
te alcanço

Se desvencilha  
Te busco  
e abraço

Com o olhar  
te penetro  
e devasso

Inútil fugir  
Imponho  
o compasso

É doce  
o arfar  
do teu cansaço

**Incondicional**

Quero da Hipocrisia os grilhões arrancar  
que me acorrentam às catacumbas da Verdade  
Lancinante se faz a dor ao dilacerar  
a Alma torturada, o Desejo que invade

Foge-me às veias, esvai-se o sangue  
até que o infame cálice transborde  
Degusta, se embebedada, me torna exangue  
o Senhor do Destino em insaciável sede

Já não basta ao poeta urdir o Verso  
para assinalar sua amarga senda  
Arvora num grito legítimo e terso  
Incondicional, tramando a Lenda:

Prostrado suplico aos deuses do Olimpo  
concedam-me absoluta Liberdade  
Rogo o Poder de parar o meu Tempo  
e te esperar na Eternidade

### **Internáutica**

Uma fêmea, donzela  
atravessou a janela  
da Internet, via tela

Não há minuto que passe  
sem que eu lembre sua face  
É paixão sem disfarce

Seu olhar é felino  
desafia o meu tino  
É amor intestino

Me esqueço da vida  
E a quero atrevida  
por inteiro despida

Na sua gíria me amarro  
Viajo nesse esparro  
e acendo um cigarro

Lhe desprende a fumaça  
que no ar faz uma graça:  
seu espectro ela traça

Estaria eu plugado,  
num amor desvairado,  
resumido ao teclado?

### Variantes

Prefiro

Ao pôr-do-sol, a estrela vespertina  
 À Disneyworld, a Chapada Diamantina  
 À suada Copacabana, uma London com neblina  
 Ao *loft* do condomínio, um castelo na colina  
 Ao trinado na gaiola, o piado da rapina  
 Ao legítimo *scotch*, um vinho de cantina  
 Às glórias de guerreiro, os pecados da esquina  
 À bunda da Aguilera, *Kelch der Liebe* na surdina  
 À super-fashion-top-model, tu de saia e botina  
 Ao Mel da Lisboa, dos teus lábios a morfina

Sou gótico?

-----

Prefiro

À romântica Veneza, a frieza cisalpina  
 Ao toque artesanal, tudo à pilha alcalina  
 Ao desalinho do acaso, a ordeira disciplina  
 Ao frutífero frescor, a ampola cristalina  
 À nacarada pérola, o rutilo da platina  
 À liberdade da prosa, da métrica, a rotina  
 À simpleza natural, maquiagem e purpurina  
 Ao onírico retrato, teu sarcasmo na retina  
 Ao platônico amor, tuas ancas à Messalina  
 À preliminar carícia, te comer com vaselina

Sou robótico?

-----

Prefiro

Ao precioso lácteo, me encharcar de cafeína  
 À uma bala na cabeça, morte lenta, nicotina  
 Ao sono do justo, conectar-me na matina  
 Ao discreto traficar, tudo exposto na vitrina  
 Ao lento par de tênis, a veloz gasolina  
 Ao soberbo nutriente, bolacha com margarina  
 Ao latino insinuar, minha porção feminina  
 À melão de silicone, sinuosidade pequenina  
 A aceitar tua grafia, me entorpecer com Elaína  
 À possibilidade do impossível, tentar - não dá nada, nem combina

Ah, sou caótico...

**Em nome do Amor**

Olhe minhas mãos... Olhe!  
É o teu sangue que por elas escorre!  
Estou hirto. Mortificado.  
Em nome do Amor...

Teu corpo jazente.  
Tua respiração convulsiva.  
No olhar nem há medo. Desesperança.  
Em nome do Amor...

Olhe minhas mãos... Olhe!  
Mãos que te afagaram. Que te possuíram.  
Agora ensangüentadas.  
Em nome do Amor...

Por que não olhas minhas mãos?  
Por que me olhas nos olhos?  
Se já nada podes ver?  
Em nome do Amor...

Olho minhas mãos.  
Mãos assassinas. De ti?  
Não. Passional ilusão!  
Em nome do Amor...



### **Simples**

É tão simples meu Amor  
Como pétalas de gerânio  
Vai e vem, doce sabor  
Me tomando, momentâneo

Não há heroísmo, nem lenda  
Só um andar de mãos-dadas  
Nos campos de uma fazenda  
A esmo, horas não contadas

É tão simples meu Amor  
Só quero teu regaço  
E absorver teu calor  
No conforto de um abraço

Não há volúpia, nem sedução  
Não há tristeza, nem dor  
Não se decante, pois, a paixão  
Se é tão simples esse Amor...

**Epitáfio para um Amor**

Aqui jaz, para sempre, o impróprio ente  
Natimorto foi, pois que era impossível  
Fria terra o acolhe ainda quente  
Eterna saudade resta ao desprezível

**Jogos**

A de boliche três furos tem  
Dois a de bolão  
É do jogo bolinar

Mas quando me convém  
Com um só dedo da mão  
Faço-te rolar

### **Êxtase Vampírico**

A noite,  
de todos os pecados a Dona,  
mais profunda se faz.  
Frio, pulsa meu coração.  
E tu vens.

Não há como resistir  
à atração lançada,  
ao ordenamento meu.  
É do meu querer.  
E assim será.

Mesclada, a sombra,  
aos plúmbeos matizes,  
no átrio espriados,  
tua chegada anuncia.

Delicados, teus pés  
lentamente movem-se,  
num lânguido,  
subflutuante  
andar.

Te cobre a seda,  
por ignóbeis larvas tecida.  
Aos teus álgidos contornos,  
descobre.

Olhos nos olhos,  
trava-se, então,  
o mais sutil dos embates,  
entre o querer e o poder.

E sou invencível.

Quão tácita aceitas  
da Perdição, o Cálice.

Me apraz ver-te  
umedecer teus finos lábios  
no Vinho da Concupiscência.

Teu doce, indefeso ofegar,  
pressinto.

Teu gélido hálito,  
inspiro.

Da tua perfeita tez,  
a desejável fragrância  
exala.

Os céus, em trovões, retumbam;  
assoviam, repentinos, os ventos;  
secos galhos crepitam;  
folhas oferecem seu farfalhar.  
Faz-se a Natureza em orquestra,  
para sobrenatural melodia executar.

Suave e invisível gesto,  
tua tênue cintura  
em minha mão  
tomo.

Em passos  
que à Física desafiam,  
conduzo-te, obstinado  
- ardente volúpia.

Inclino-me e contemplo  
teu desnudo colo.

Ao ávido amante,  
teu corpo, incontida,  
entregas.

Ah, não sabes...  
Não me bastam  
tuas macias carnes,  
teu vívido sangue!

É tua Alma,  
pois que,  
em inexorável Paixão,  
irei possuir...

**Percepções**

Sentado  
ouvindo a fumaça do cigarro  
e o cheiro daquela velha música desbotada

Cansado  
aparando luzes e chuvas na janela  
e outras gotas mais salgadas

Absorto  
mitigando fragmentos surdos  
e arritmias do gosto que não será

Alucinado  
detestando um telefone congelado  
e a insensatez desses tais de anos-luz



### **Iminente Naufrágio**

*a uma poetisa cearense*

Por que m'encantas, sereia  
das praias de Fortaleza?  
És Amor de quem receia  
jamais encontrar certeza

Teu olhar são entrelinhas  
que as Cartas não indicam  
Profundas águas marinhas  
quais só Versos as arriscam

Se teu Canto aproxima  
aos arrecifes da Paixão  
espreito neles a Rima

Ao naufrágio iminente  
singro, poeta-capitão  
num Poema refrangente

**A bodega (e eu)**

Tem Coca? Tá bem gelada?  
Tem. (Mas que mina safada,...)  
Me dá uma. E quanto é?  
É três. (...vou pegar no seu pé.)

Quanto tá o quilo do pão?  
Três e noventa. (Droga, não!)  
Quero dez. Põe mais branquinho.  
Já vai... (Tô atacadinho?)

Me vê um Freegells. De melão.  
Troco pra quanto? (Ver, então,...)  
Pra um. E mais dois chicletes.  
Feito. (...com quem tu te metes!)

Pode atender. Eu espero.  
Obrigado! (Mas, eu quero!)  
Não tem pressa. Vou escolher.  
À vontade. (Não pode ser!)

**Chuvas de Inverno**

Esta chuva que desce sem cessar  
Em mais um dia frio e distante  
Roubando o Sol que me faz pensar:  
Um astro me une ao teu quadrante

Chuvas de Inverno, descem e vão  
Encharcando-me dos pés à fronte  
Límpidas lágrimas de solidão  
Colhidas, talvez, em tua fonte

Desçam à terra, águas de agosto  
As plagas reguem do meu Inferno  
Derribem um pranto em desgosto  
Incontido nas chuvas d'Inverno



### **Três Pontos Satânicos**

#### **Fé**

"É tempo de purificação" - refletiu religiosamente o *führer*, enquanto contemplava as chaminés de Auschwitz desprenderem almas em direção aos céus...

#### **Conhecimento**

"Nada crio, tudo transformo" - concluiu agnosticamente o *führer*, enquanto contemplava as chaminés de Auschwitz imiscuirem holocáusticas partículas à atmosfera...

#### **Arte**

"Dissipai esta Raça, oh nefanda Fumaça!" - inspirou-se poeticamente o *führer*, enquanto contemplava as chaminés de Auschwitz declamarem o silêncio em unissonantes rimas...

**Telas**

Vertem-se luzentes arremedos  
Dos túneis ensombrados faíscam  
E d'Alma vão à ponta dos dedos  
Em Tintas outras o Plano riscam

Transmutando matizes ao Verso  
Ilumina-me o Mestre da Tela  
A paleta se faz Verve e terço  
Sinergias em pálida aquarela

Inspirai-me, oh *van Gogh*, ainda  
Em circulares versos pincelar  
O retrato d'um Amor que finda

Que d'Amor, insanos, em tal senda  
Enveredam idêntico trilhar  
Vai-te Musa! Outra que m'acenda!

**(De)votos**

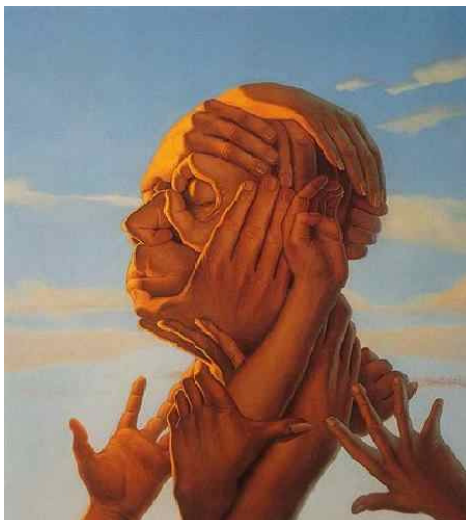
Votaram  
lealdade partidária

no momento-infidelidade  
tônico do senado

E nós  
atônitos

diante do antagônico  
bancando de engajados

só mugimos  
feito gado



### **Loucos**

O cérebro  
sangra  
e desaba  
em cataratas  
vermelhas

Turvando a vista  
a nada mais ver  
e o tudo é nada  
e um nada  
a haver

Se me vestem  
de branco  
e me amarram  
não perdi  
a razão

.....

Loucos  
todos que impedem  
que arranque  
ao próprio peito  
o coração

Mui loucos  
os que fazem  
que inda deva  
respirar  
sem convulsão

E mais loucos  
os que decidem  
que não possa  
extirpar  
a inútil emoção

**Quero uma garota bem gótica**

Quero uma garota bem gótica  
Com saia e botina e crucifixo  
Toda maquiada, bem exótica  
Declamando um poema prolixo

Quero uma garota bem gótica  
Vou agarrá-la pela cintura  
Pô-la de quatro, bem erótica  
Na laje de uma sepultura

Quero uma garota bem gótica  
De coxas brancas, pretos pentelhos  
Chupão visceral na carótida  
Bimbar até ralar seus joelhos

Quero uma garota bem gótica  
Teus cabelos serão o meu fulcro  
O cio da loba neurótica  
Uivando prazeres no sepulcro

Quero uma garota bem gótica  
Tonta de vinho, podres arranjos  
A morte é vida em outra ótica  
E foda-se Augusto dos Anjos!

**Cronologia das Vacas**

Vaca, fiel  
Segue  
Imune  
Sagrada

Vaca-preta  
Sorvo  
Taça  
Gelada

Vaca-louca  
Tua  
Carne  
Contaminada

Vaca, louca  
Bebeu  
Água  
Oxigenada



Absinto! Absinto!  
*William Shakespeare, Hamlet*

### **O Fantasma**

A perfídia se instala  
Na traição conspirada  
Envenena a voz que cala  
Em lascívia conspurcada

O festim faz seu tributo  
Afrontando vil ao mármore  
Qual mão que obtém o fruto  
E depois abate a árvore

D'além, inaudíveis gritos  
Estertor d'alma penada  
Clamando, varam granitos  
A paz na honra lavada

Cobre-se paixão incúria  
Sob o manto da falseta  
O viço da rosa espúria  
Tem espinhos de vendeta

Maldição recai em fúria  
Saciando o ectoplasma  
Pois nem força de centúria  
Bate a sombra d'um fantasma

### **E tudo acaba em pizza**

Ao vinho que embebeda  
erga-se solene a taça  
Alva toalha estendida  
maculada na trapaça

Na consistência da massa  
todas são pura farinha  
Mérito de quem amassa  
mãos firmes na cozinha

Salta uma à calabresa!  
Lá vai picante lingüiça  
Estas tiras com certeza  
são escárnio da carniça

Anunciada patativa:  
Atum! (mofada sardinha)  
Enlatada és cativa  
Solta-te, oh coitadinha!

Quatro queijos, tem parmesão  
catupiri, provolone  
Falta um? Ah, que distração!  
Meta a boca no trombone!

Agora, a de coração!  
Cacófato, desalinha  
Estrebuche-se o glutão  
co'a entranha da galinha

Ei, garção! Por gentileza!  
Há quem goste de ver-du-ra  
Vegetarianos à mesa  
Festival da impostura

Chegando a de camarão!  
Inspirando a rodada  
Cabeças não mais rolarão  
E a vontade é saciada

Neste cardápio soberbo  
Vale até a requentada  
Poeta, digno teu verbo  
D'uma bela espinafrada

E assim, de boca em boca  
Rodízio da descarada  
Cínica, a jura é oca  
E tudo em pizza acaba



**Poema Sópati**

Este não é um poema  
Eu não escrevo mais  
E também não sou poeta

É só um teorema  
De medidas inexatas  
Da alma incompleta

Na íris sou meio arco  
Duma ponte que balança  
E o sangue é correnteza

De gasolina me encharco  
Tocha viva consumando  
Desejos na pele ileza

Às vezes sou urgente  
Rasante ou queda-livre  
Bicadas de colibri

Ou acorde dissonante  
Rajado feito vento  
Solando um sambapati

### **O Eclipse**

Ressoaram as doze badaladas  
No majestoso e soturno Salão  
Bailavam as Donzelas mascaradas  
Entre valsas d'Eterna Solidão

A Mãe-Terra fingia ser Madrasta  
Ocultando cativa Cinderela  
Sentenciou então o Rei-Sol: já basta!  
E fugaz espreitou 'inda mais bela

Ao átrio em que pendem candelabros  
De cristais imitando Cassiopéias  
Orquestram-se celestiais descalabros

Por instantes sorriram rutilantes  
Meras pepitas presas às bateias  
E a Lua rebrilhara aos amantes

### **Nuances**

A brisa sopra leve trazendo através da janela entreaberta os matizes do capim orvalhado. Estranhamente, os sabiás estão silentes e gosto. Não que desejasse alijá-los do seu natural chilrear, mas, no exato momento, este macularia o nirvana. Percebo que a paz não é o equilíbrio das forças ou a harmonia das idéias, ou, ainda, o rejubilo das emoções. Não é nada disso. A paz é justamente o contrário, a anulação de qualquer força, um livre pensar que não impõe, a total ausência do sentir. A paz, enfim, é um estado de absoluta ausência.

Desliguei, há pouco, o televisor, onde o apresentador do telejornal narrava, abastecido de imagens, que a polícia atirara bombas contra torcedores de futebol e concluía, ironicamente, que aqueles arruaceiros, elementos despreparados para um convívio social, seriam, no futuro, nossos governantes. Não pertença a este mundo. Aliás, nada mais em mim pertence. Nem o meu corpo à minha alma, nem tampouco esta ao meu corpo. Estou a cada dia mais etéreo. E começo a entender que em breve me dissiparei. Ainda assim, num contra-senso, insisto em romper a paz e permitir que um fino traço esboroe em imaginárias palavras as tuas nuances.

### **A Carta**

Abriu o caderno-universitário quase ao meio, procurando uma folha limpa, sem marcas - imaculada. Pegou, também, um pedaço de papel, e, empunhando a esferográfica escrita-fina, tocou-o com a sua ponta, girando a cânula numa certa inclinação, retirando cuidadosamente qualquer excesso de tinta que porventura houvesse. Cumprido o ritual, aprumou-se para iniciar a carta, medindo mentalmente onde aporia a primeira letra para que a data ficasse perfeitamente alinhada à direita da folha. Sua aparente impassibilidade traía-se na quase imperceptível tremura das mãos. Apertou a caneta para firmá-la e deu-lhe rumo.

...

A carta nunca fora enviada. O seu excesso de zelo jamais permitiria que a remetesse com aquela apresentação: manchada e amassada. Num último estertor, as mãos se crispavam amarrotando o papel; os borrões vertiam do rodapé em direção ao cabeçalho, indicando claramente o percurso do projétil, concluiu a perícia.

Tango.....	4
Incondicional.....	5
Internáutica.....	6
Variantes.....	7
Em nome do Amor.....	8
Simplex.....	9
Epitáfio para um Amor.....	10
Jogos.....	10
Êxtase Vampírico.....	11
Percepções.....	13
Iminente Naufrágio.....	14
A bodega (e eu).....	15
Chuvas de Inverno.....	16
Três Pontos Satânicos.....	17
Telas.....	18
(De)votos.....	19
Loucos.....	20
Quero uma garota bem gótica.....	21
Cronologia das Vacas.....	22
O Fantasma.....	23
E tudo acaba em pizza.....	24
Poema Sópati.....	25
O Eclipse.....	26
Nuances.....	27
A Carta.....	28